



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 47/2008
Contatos: secretaria@isb.org.br

A GUERRA DE SESSENTA ANOS

O assunto é de difícilíssima abordagem: pela gravidade, pela profundidade de um enraizamento histórico que vai muito além dos sessenta anos, pelas mil e uma sutilezas políticas e religiosas que muito poucos conhecerão verdadeiramente. Vou-me aventurar, entretanto. Correndo o risco do despautério.

Para mim, Israelenses têm a razão e palestinos o sentimento. A razão está no Estado de Israel, pelo qual os judeus lutaram durante várias gerações até obterem a concordância e o apoio de quase todo o mundo, expresso na Decisão da ONU que criou a nova Nação, numa sessão histórica presidida pelo grande brasileiro Oswaldo Aranha. Passados sessenta anos, mesmo que tenha havido erros na forma como foi feita a partilha pela ONU, Israel é uma realidade nacional absolutamente concreta, incontestável, reconhecida pelo mundo, e uma realidade brilhante como construção política, econômica e cultural que, cercada de adversidades e de momentos críticos, soube manter e regra democrática insofismável. Entretanto, foi contestado violentamente, belicamente, desde o primeiro momento, pela maior parte dos países árabes, seus vizinhos, e perdura esta contestação por mais de sessenta anos, não mais pela totalidade mas por boa parte das comunidades árabes e muçulmanas que, obstinadamente, não se conformam e se recusam a aceitar a realidade sólida e gritante.

Durante todo esse tempo, vários confrontos violentos, bélicos e terroristas, sempre tiveram iniciativa do lado dos árabes, com o propósito explícito de destruir o Estado Judeu, tendo Israel se armado mais e mais, ao ponto de ser hoje uma potência, com vistas a garantir a sua sobrevivência, enfrentando a ameaça pesada que em nenhum momento deixou de existir. Ainda no episódio de agora, o rompimento da trégua, mais uma vez, veio do grupo Hamas, Por isso, digo que a razão está e tem estado com Israel, embora critique duramente a desastrosa, desnecessária e errada política de assentamentos de colonos judeus em terras palestinas. E, ao dizer que a razão está com Israel, não posso deixar de imaginar como teria sido diferente se os inimigos derrotados na primeira guerra, em 48, ou mesmo na segunda tentativa, a guerra dos seis dias, tivessem logo reconhecido Israel e cuidado de estabelecer e construir o Estado Palestino que teria tido, certamente, substancial ajuda internacional e hoje seria o mais próspero e cientificamente avançado dos países árabes.

Mas não foi assim. Porque em política não prevalece a razão mas o sentimento. O sentimento de espoliação jamais arrefeceu entre os palestinos e seus irmãos islâmicos. E o sentimento há que ser respeitado, pela força humanística que ele representa. Penso que Israel, profundamente ocidentalizado hoje, preza e confia demais na eficácia da razão operacional e da ciência, mimetizando a arrogância militar americana e desprezando a força e a humanidade do sentimento.

Aliás, Israel se constitui num enclave ocidental e racional tão forte na região, que chega a ser naturalmente agressivo para os vizinhos. Uma nação liberal, ocidentalizada, americanizada, racional, orientada pelas exigências da eficácia positivista, encravada num mundo desconfiado historicamente do Ocidente colonizador, dominador, arrogante, falso e cruel, que estaria impondo aos árabes o custo de reparar suas atrocidades cometidas contra os judeus; nação (Israel) que traz o materialismo hedonista ocidental para o meio de um mundo profundamente sensitivo e religioso, todo ligado em transcendências e motivações metafísicas, essa nação constitui naturalmente uma excrescência incômoda na região. Mal estar este que se aprofunda com a enorme e crescente disparidade de riqueza e de afluência entre a nação abastada e a imensa favela de Gaza bem ao lado. Se Israel fosse um Estado judeu ortodoxo, austero, de sentimentos fortemente religiosos, aos quais os islamitas são aparentados pela origem comum em Abraão, seu progresso econômico e sua força militar certamente seriam hoje muito menores, mas provavelmente o caminho da paz já teria sido encontrado, e a convivência poderia ser mesmo amigável, como foi ao longo de milênios de história, especialmente na Península Ibérica.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 47/2008
Contatos: secretaria@isb.org.br

Por isso é que digo que os palestinos têm o sentimento; e têm a solidariedade do mundo, que se afronta na sua sensibilidade ao ver fotografada a indizível desigualdade de forças entre o tanque e o supersônico de um lado e os meninos de bodoque do outro. Claro que há os foguetes do Hamas, mas são tão menores que o sentimento da desproporção vê o confronto como uma enorme e desumana covardia. E, em política, todos sabem, o sentimento vale muito mais do que a razão. Os israelenses deviam considerar um pouco mais essa verdade e não se pautarem tão explicitamente pela soberba do militarismo americano. Foi, aliás, o sentimento, a revolta da alma do mundo contra o paroxismo inimaginável do anti-semitismo nazista, o holocausto, sim, foi o sentimento de horror ao Holocausto que propiciou o consenso e a criação do Estado de Israel, que os sionistas há tanto tempo demandavam.

E o sentimento do mundo está realmente ofendido pela desproporção desta guerra e pela matança indiscriminada de civis e especialmente de crianças. Mas a razão do mundo, por outro lado, sustenta integralmente a legitimidade do Estado de Israel e vê como absurda e completamente inaceitável a inconformidade radical dos grupos islâmicos que continuam declaradamente querendo “varrer do mapa” aquele Estado, com o que seria um novo e abominável holocausto, tão desmesurado que poderia varrer o próprio planeta..

Bem, diante de um impasse desta dimensão, só a ONU, ponderando o sentimento e a razão do mundo, poderia e deveria intervir para resolver a questão. É difícil, evidentemente, mesmo para a ONU, é extremamente difícil, mas ela foi instituída para cumprir missões dessa natureza e não pode continuar paralisada ou impotente, abdicante, mostrando mais uma vez a imperiosa e urgente necessidade de sua reformulação, especialmente do seu Conselho de Segurança.

Enquanto isso, nós humildes impotentes, brasileiros, por exemplo, ficamos a deplorar e deplorar, a nos afligir e a torcer pelo improvável entendimento. Digo brasileiros, como exemplo, porque temos entre nós, espalhados pelo nosso território, até nos pontos mais distantes, um dos maiores contingentes de sírios e libaneses do mundo, amáveis e afetivos brasileiros que são progressistas e patriotas. Não temos tanto dos judeus porque estupidamente os expulsamos no século XVII depois dos holandeses, e eles saíram daqui para fundar Nova Iorque. Mas os que aos poucos vieram depois construíram aqui laços de amizade e afetividade indelévels, inclusive com descendentes árabes. Falo assim porque descendo de portugueses moçárabes (este meu Saturnino era, na origem, Sadorninho que veio de Braga) e devoto aos judeus uma afeição que só não é maior do que a admiração que tenho por eles, pelo que fizeram de estupendo para o desenvolvimento da Humanidade, e também pela extraordinária realização que é o próprio Estado de Israel.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br